



Correio Popular

Durante a minha infância não entendia porque aquelas cartas ficavam dentro da caixa do contador da casa do meu avô. Ao passar do tempo, percebi que várias pessoas presenteavam meu avô com galinhas, feijão e eu escutava essas pessoas dizendo: “muito obrigado seu Jó!”. Ele só falava: “*não precisava disso rapaz, pode vir quando quiser*”. Aquilo que meu avô fazia era com o maior prazer. Mas, o povo respondia: “*não seu Jó, isso não é pagamento, é só um agrado*”.

Aos 6 anos de idade fui morar em Recife e quando voltei, lembro-me que era um dia de sábado, foi quando me deparei com aquelas pessoas na escada de casa, sentados em bancos, meu avô também, sentado em sua escrivaninha redigindo cartas para aquelas pessoas. A partir daí comecei a entender o porquê das cartas na caixa de energia e aqueles presentes que ele, vez em quando, recebia.

Jordalino Cavalcante, meu avô, escrevia e lia cartas para as pessoas, analfabetas, que tinham parentes em outras cidades. As cartas eram o meio mais acessível àquelas pessoas que moravam no espaço rural de Bom Conselho, o interessante é que até hoje, depois de sua morte ainda chegam cartas em sua casa.

Jordalino Cavalcante Neto